

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs. Com estampilha..... 600 Fora do reino accresce o porte do correio. Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs a linha. Annuncios e communicados a 50 rs. a linha. Repetições..... 20 rs. a linha. Annuncios permanente 5. Folha avulsa..... 40 rs.

A dissolução

Como já dissemos, foi dissolvida a camara dos deputados e a parte electiva da dos pares.

Ninguém duvidava de que o antagonismo entre as camaras a o governo se havia de levantar e proposito de qualquer medida e em qualquer votação ainda a mais insignificante: não valia portanto a pena addir a crise.

Pode muito bem a opposição achar incongruente, irrisório e futil e pretexto de que o governo lançou mão para se deixar levar o cheque: pode discutir a legalidade ou a illegalidade do acto, mas não pode contestar que a posição do governo em face das camaras adversas era falsissima, era desgraçada.

Tomando por base a divisão dos poderes do estado, os polemistas prendem-se discutindo a auctoridade das camaras dissolvidas, para avaliar os actos do ministerio, praticados durante o interregno parlamentar, quando a essas camaras foram usurpadas as suas attribuições e absorvidas pela dictadura: prendem-se discutindo o valor das palavras do discurso da coroa, quando o rei, dirigindo-se ás camaras, dissera que esperava, discutissem com o costumeiro zelo os difficultosos problemas propostos durante a sessão que se ia abrir.

Jogando com tres poderes do estado—o legislativo, executivo e moderador—procuram tirar, como tiram, conclusões differentes.

Que maior auctoridade tinham as camaras dissolvidas, do que as que vão ser eleitas? Não trazem ellas desde o seu principio a marca que as desanctorisa, o cinho por onde se conhece o ministro regenerador ou progressista que as criou: não tem ellas o mesmo espirito de obediencia cega ao poder executivo? As camaras, poder legislativo, desde ha muito perderam, abdicaram das suas funções proprias e caracteristicas. Quem

legisla é o governo: elle apresenta as leis para docilmente serem votadas pelo *so-disant* poder legislativo: quem dá o *bill* de indemnidade e confiança ao governo, é o proprio governo e não as camaras que nada mais representam de que uma continuação d'aquelle.

Pois não é verdade que se o actual governo se apresentasse perante as camaras, taes como até agora se achavam constituídas, pedindo-lhes o *bill*, estas li'o haviam de dar sob pena de serem dissolvidas, sem que o governo fosse prejudicado pelo voto contrario?

Abdicando do seu poder, adquiriram contudo um outro não menos importante e vantajoso—o poder executivo. Assim como o governo legisla, assim os deputados e pares do reino despacham.

Os *empunhos* dos influentes do circulo obrigam-no a continuos passeios pelas secretarias, rogando pedinde, impondo-se aos ministros que se veem obrigados a lavar os decretos.

Por isso as camaras dissolvidas não teriam mais auctoridade do que as novas para exigir responsabilidades ao ministerio pelos seus actos dictatoriaes, porque tanto umas como as outras não tem auctoridade alguma.

O poder moderador, velho espantallho no seio das constituições modernas, ultimo refugio do poder absoluto em contacto como as aspirações democraticas, conjunto de funções exercidas por um individuo sem responsabilidade, mentiria á sua missão, se missão tivesse a desempenhar na lucta dos partidos, na liquidação de responsabilidades dos actos d'um ministro. O poder moderador é nada, e por nada deveriamos tomar as palavras do discurso da coroa que se referem á discussão dos actos do governo pela camara dissolvida.

Nada importa que uma ou outra camara se entretenha a discutir os actos do governo: Não é das camaras que o governo tira a sua

força. Ministerios e ministerios teem successivamente cahido do poder, não por lhe faltar maioria de votos nas duas casas do parlamento, mas porque lhes tem faltado a opinião publica.

A opinião publica, difficillima de avaliar agora que o indifferntismo politico vae cavando de mais em mais fundo, é apesar de tudo a força que apparece ainda não corrupta. E talvez a imprensa o unico themometro, muitas vezes fallivel, para a avaliar.

Fosse ou não frivolo o pretexto, a dissolução seria fatal. E como mais tarde ou mais cedo teria de apparecer, bom foi que viesse já, enquanto o paiz se sente abalado pelas ultimas prepotencias das auctoridades administrativas nas eleições concelhias e nas dos quarenta maiores contribuintes. Deixal-o pacificar para novamente o sacudir do seu habitual socego, seria um crime. Agora a victoria será mais facil para o governo e o povo expor-se-ha menos a rejeitar as imposições da auctoridade porque ainda está receoso.

A dissolução foi portanto legitima e..... politica.

POLITICA CONCELHIA

Roubo da eleição dos quarenta maiores contribuintes. Espancamentos e tentativas de homicidio.

Hoje mais detidamente vamos apresentar os factos do dia 7 do corrente meiz praticados para impedir a eleição dos quarenta maiores contribuintes.

E' preciso dizermos desde já que o mandante, o desgraçado fautor d'este acontecimento é o

João Carvoeira caminhava só. Pau de marmeleiro ao hombro, duas chaves enfiadas n'uma suja fleira que vinha presa ao pau. Casaco assente sobre a corte espadua esquerda.

Vinha pensando na sua ultima venda de sardinha, quando o feriu um raio de luz que se escuava por entre as ramarias.

Supresticioso com todos os homens do povo sentiu os nervos abalarem-se. Que seria?—interrogava-se a si mesmo; e logo encolhia os hombros como que não se importando; mas aquella idea voltava-lhe á mente e por espaços contemplava os raios de luz esfuizante.

Chegou á Cova do Frade. Repentinamente appareceram-lhe uns vultos.

O João era curioso. Perguntou: quem são voces? silencio absoluto—olá, eu quero saber quem são, vamos a isso! Os vultos

snr. desembargador Francisco de Castro Mattoso Corte-Real, irmão do snr. ministro do reino. O snr. Francisco Mattoso que nós por ahí não vemos ao par da gentalha, espancando, dando gritos subversivos da ordem publica e contendo o maior criminoso, o que incita e prepara os miseraveis que se fiam em que elle os livrará da cadeia. Por um resto de vergonha não apparece em Ovar, mas approxima-se tanto quanto pode; faz d'Aveiro o seu quartel general aonde o administrador do concelho, o Cunha e outros vão receber as ordens.

Nunca esses desgraçados se atreveriam a tanto se não encontrassem apoio tão solido, em um caracter que transige facilmente com o crime para tirar uma desforra. O snr. Mattoso pouco se importa de se nivelar com Farrapeiros e Mangueiras contanto que vença em Ovar, não importa á custa de quantos sacrificios, de quantas baixezas. Vença-se e será o bastante, a tiro ou a cacete é o mesmo.

Dominando pela palavra e pelas promessas os limonadas d'este concelho, o snr. Mattoso roja-se deante de seu irmão, o ministro, para tolerar os actos vandalicos das auctoridades. Por isso mesmo o snr. José Luciano de Castro illudiu o distincto cavalheiro que lhe pediu providencias para impedir o espancamento dos quarenta maiores contribuintes, prometendo dal-as sob sua palavra d'honra e depois deixando as victimas á disposição do rañcor do seu irmão Mattoso.

Era forçoso vencer uma eleição para a qual o snr. Francisco de Castro não conseguira reunir a minoria sequer dos quarenta maiores contribuintes; era preciso amordaçar uma boa porção de eleitores para que a commissão recenseadora ficasse composta dos seus adeptos. Mandou primeiro empregar o dinheiro, depois as ameaças e como ainda assim era impossivel salvar-se appellou finalmente para o cacete, para os

entre-olharem-se como que consultando-se.

Acudiu uma ideia repentina ao João. Já sei quem são, amigos. Um dos do vulto alçou immediatamente o cacete e vibrou vale paucada ao pobre Carvoeira que immediatamente ficou estendido.

Quando cahia peruncion apenas um nome:—Berlengas.

Os vultos caminharam pausamente pelo caminho arenoso. Um d'elles disse para o outro: podia denunciarmos e assim foi melhor. E' verdade que foi, mas se elle volta a si e nos compromette?—replicou o outro.

—Espera que eu já vou acabar. E então voltando atrás applicou o ouvido ao coração do Carvoeira e sentiu o brando latejar da vida que se esvae, mas arrancando o punhal da cintura cravou-o duas vezes no coração do frivo. Agora fica para ahí que já não dizes nada—monologou.

espancamentos, para o homicidio. Os attentados do dia 7 fora obra d'um plano, traçado pelo snr. Mattoso, approved pelo *cenotro limonada* reunido ha tempo, e executado pela auctoridade o seus sequazes, como foram: Lopes-Polonia, Zezere, Farrapeiro, Mangueira, Romão, Abilio, Marinhão Mineira, Villa Junior e outros.

Vamos aos factos: Pela manhã cedo, ainda não tinha rompido o dia e já na administração do concelho havia bastante burborinho. Alguns magotes de pescadores bebiam aguardente que se lhes tinha mandado dar para se... aquecerem. Um carro de bórdões tinham vindo para debaixo da arcada dos Papos do concelho e dispostos ahí ao longo da parede. A administração achava-se ja atulhada d'armas de fogo.

Rompeu o dia e principiou a algazarra, os vivas e morras, o estoirar dos foguetes de dynamite. Os caceteiros diziam á todos os que encontravam que n'esse dia seriam espancados os quarenta maiores contribuintes que viessem votar contra as auctoridades. E' de notar que nenhum dos quarenta que pertenciam ao partido do governo tinha vindo, nem tão pouco appareceram durante todo o dia.

Proximo ás 8 horas appareceu na Praça o dr. João d'Oliveira Mansarrão. Os caceteiros acercaram-se immediatamente do carro e quizeram obrigar-o a retirar mas como o dr. Mansarrão presistisse apontar-lhe uma clavina ao peito enquanto outros armados de bórdões o intimavam a não apparecer sob pena de ser morto. Com mandando este grupo, vinham Lopes, Biscainha, e, um pouco atrás, Polonia. O administrador do concelho, estando proximo, esfregando as mãos de contente.

Em seguida cercaram a casa de Francisco Joaquim Barbosa de Quadros, ameaçando-o de morte se sahisse.

Depois d'este insigne feito foi dado um beberete de aguardente.

Como n'um estremezimento nervoso o Carvoeira soltou apenas uma palavra, sempre a mesma palavra—Berlengas!—e depois a alma evaporou-se, riscando a giz no pinheiro a palavra fatidica:—Berlengas!

João Carvoeira, a historia vae desenterrar-te; eu rehabilitarei a tua memoria. Levanta-te do teu tumulto porque o pajheiro de arrais Salvador depois de reduzido a cinzas n'essa noite fatal, tambem foi reedificado. João Carvoeira levanta-te e vem amaldiçoar a raça dos precitos que hoje calcam aos pés a honra e dignidade da nossa terra.

O sorriso amarello e odiento desaparecerá deante de ti. Levanta-te, João Carvoeira!

Ovar 7 de Janeiro. Roberto de Liz.

FOLHETIM

JOAO CARVOEIRA

Todos se lembram ainda do pobre João Carvoeira. Era um bom mercantel, vivia pobremente, mas trabalhava, moirejava para ganhar o pão nosso de cada dia. N'uma bella manhã appareceu com o coração varado por uma punhalada.

Junto á Cova do Frade, a caridade christã levantara-lhe uma cruz; e de noite, quando os pescadores passavam or alli, desobriam-se e resavam um *Padre-Nosso* pela alma do infeliz assassinado.

A justiça fechara com uma grande solua o segredo d'aquella morte.

Entretanto os mulheres do povo quando apontavam para a

Como a colheita das armas de fogo para a administração do concelho não fosse ainda bastante para fazer face à resistência, que elles suppunham, os quarenta maiores contribuintes opporiam, os agentes da auctoridade mandaram buscar a casa d'um official de diligencias, d'este juizo, duas, dizendo ás pessoas de casa que traziam ordem do dono. Entregaram-lhas e foram leval-as para a administração, salla proxima áquella onde se devia realizar a eleição.

À porta da entrada estavam já um monte de bordões, e pelas escadas que davam ingresso para a assembleia viam-se espadas, armas de fogo e paus.

Depois do beberete da aguardente a vozzeria augmentou e os *murras* foram n'um crescendo assustador. Viu-se logo a connivencia da auctoridade administrativa n'estes tumultos e ataques contra os direitos dos cidadãos, mas alguns ingenuos ainda esperavam as *celebres* garantias prometidas pelo sr. José Luciano de Castro.

Ao passo que isto se dava na praça, em frente à salla que devia servir d'assembleia eleitoral, em casa do dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa reuniam-se os 26 dos quarenta maiores contribuintes: dr. Domingos d'Oliveira Aralla, dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa, Joaquim Maria Pereira Baldaia, Manoel d'Oliveira Barbosa, P.º João d'Oliveira Descalço, José de Sousa Azevedo, Antonio d'Oliveira Gomes Dias, José da Fonseca de Pinho Osorio (melhor conhecido por José Carvalho), Antonio José Valente de Mattos, Joaquim dos Santos Sobreira, José Duarte Pereira Sebe, João Gomes Pacheco, Francisco Ignacio Ferreira Soares, João Duarte Marques, Manoel Valente, Manoel d'Oliveira Maia, Antonio Marques d'Oliveira, Manoel d'Oliveira Custeira, Manoel Fernandes Paulino, Francisco Duarte Pereira, Antonio dos Santos, Manoel d'Oliveira Gaspar Junior, José d'Oliveira Thomé, Manoel Francisco Vendeira, P.º Antonio Rodrigues da Graça Capoto, Manoel d'Oliveira Gaspar. Faltavam pois dos 32 que assignaram a representação, 6: o dr. Mansarrão, por momentos antes ter sido obrigado a retirar quando chegava proximo à assembleia, — Francisco Joaquim Barbosa de Quadros, e Joaquim Ferreira, por habitarem proximo aos Paços do Concelho e as suas casas estarem cercadas pela turba—o sr. P.º Algaio, um quarenta maior contribuinte de Vallega e outro de Maceda, cujos nomes não nos recorda, por terem na vespóra sido ameaçados.

Depois de algumas hesitações, pelo receio que inspirava a attitudão ameaçadora dos agentes da auctoridade, os 26 dos quarenta maiores contribuintes, alli reunidos, resolveram sair e até supportar os dichotes da gentilha se porventura os houvesse.

Sahiram. Pelas ruas por onde passaram, até ao momento do ataque, estavam bastantes grupos de mulheres, que ao vel-os marchar assim tão silenciosos e tão serenos, com quem tem a consciencia de seu direito, choravam, pediam-lhes para não irem à assembleia porque seriam infalivelmente mortos. E, ao ver que esses homens não desistiam do seu intento, resavam.

Quando um povo não pode salvar da catastrophe os seus escolhidos, chora, implora o auxilio do ceu; era isto o que succedia ao

povo da villa, esmagado por tantas violencias, temeroso das auctoridades que, para calcarem a honra d'um municipio, assalariavam sequazes na ultima escoria da nossa sociedade.

Ao chegarem ao largo dos Campos estava alli o destacamento de cavallaria, commandada pelo tenente Faro, a dar de beber aos cavallos. Logo que o tenente avistou o grupo dos quarenta maiores contribuintes, deu ordem de levantar, e o destacamento marchou na frente do grupo.

Então os arruaceiros que estavam à entrada da rua dos Campos armados de bacarmates e bordões, vendo o destacamento junto ao grupo, levantaram altos gritos contra a tropa, increparam a auctoridade administrativa de a não ter mandado retirar d'Ovar, deram-lhe *murras*, por julgar que ella vinha prestar auxilio e manter a ordem? Todos! não sabiam que a força ás ordens da auctoridade, não podia servir para manter a ordem quando isso não conviesse ao seu bando. Tolo! não sabiam que a força, se para alguma cousa prestasse, seria para prender os adversarios quando elles pretendessem salvar a vida, defendendo-se. Tolo! não sabiam que a força tem até agora servido para guardar as costas aos administradores do concelho que tem medo das represalias, como se represalias podessem haver da parte de um povo esmagado por tantas violencias. Tolo! a força ia mostrar para que servia e dissipar a ultima illusão d'algum ingenuo que por ventura ainda até então acreditasse na palavra d'honra do sr. José Luciano.

O tenente Faro, como habil politico, deu ordem para a força tomar por uma viella, isto quando ia principiar o ataque.

Os arruaceiros logo que viram a retirada da força, compreendendo, só, então que em caso de necessidade ella os ajudaria, romperam em altos gritos contra os quarenta maiores contribuintes, que se approximavam. O ataque principiou com arremesso de pedras e bordões.

O grupo faz alto, mas atraz d'um bando armado vinha outro, e atraz d'esse outro. Foi impossivel sustentarem-se, os quarenta maiores contribuintes, n'aquella posição porque nenhum d'elles vinha armado. Fugiram para as casas proximas, mas não tão depressa que não fossem feridos a maior parte d'elles.

Aguentando a furia dos caceiteiros, dos bandidos, ficou o dr. Domingos Aralla, um seu creado, e poucos individuos mais. O dr. Domingos Aralla um homem digno, respeitado até agora por amigos e adversarios politicos, extremamente delicado paracom todos, nunca poderia suppor que o maltratassem. Levantou a mão e perguntou o que queriam; disse-lhes que se fossem embora e não atacassem quem lhes não fazia mal. O bando parou por um instante e foi isto o que valeu para os quarenta maiores contribuintes poderem refugiar-se. Depois, como alli vinha a ralé da nossa sociedade, um pescador deu-lhe uma pancada nas costas, enquanto João Lopes d'Oliveira Ramos lhe vibrava outra á cabeça que abriu grande brecha e d'onde o sangue escorria a jorros. Depois de ferido o dr. Domingos Aralla e o dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa refugiar-se com alguns outros na casa de Antonio da Silva Nataria.

Entretanto na rua ficaram á mercê dos bandidos o creado do

dr. Domingos Aralla por nome Manoel Rodrigues Sardinha, José de Mattos e poucos mais que não poderam encontrar asylo por as portas das casas se terem fechado immediatamente. A Manoel Rodrigues Sardinha os bandidos partiram o braço direito em dous lugares e fenderam-lhe o craneo com successivas pancadas.

A José Mattos espancaram-no com bordões e seria alli mesmo assassinado com um tiro de revolver por Manoel José Romão, se um pescador por nome Serra não desviasse o braço do criminoso. Depois este mesmo Romão acompanhou José de Mattos a uma casa mais affastada e ali o deixou ficar em segurança, até que João Polonia o veio acompanhar a casa para evitar de ser maltratado.

Ainda depois de refugiados, os agredidos não poderam obstar a novas aggressões. Logo que o dr. Domingos Aralla e seus companheiros entraram na casa de Antonio da Silva Nataria, os bandidos despedaçaram as janellas: dispararam tiros contra as portas, forçaram-nas mas estas não cederam pois que do contrario seriam alli todos mortos.

Não aconteceu o mesmo a outros dos quarenta maiores contribuintes que se refugiaram na casa de Antonio d'Oliveira Gomes. Ahi os caceiteiros forçaram as portas e, conseguindo entrar, espancaram José da Fonseca de Pinho Osorio e Joaquim dos Santos Sobreira, não encontrando os outros que se tinham escondido n'um quarto da casa. O Zezere vendo prostrado José Osorio apontou-lhe dous revolvers, mas reconhecendo-o e lembrando-se d'um favor que aquelle cavalheiro lhe tinha prestado ainda ha pouco, deixou-o em paz.

Deixemos aqui consignada uma nota: deve-se á coragem que no momento do ataque mostrou a esposa do sr. Antonio da Silva Nataria o não estarem mortos 8 individuos dentre os quaes 6 dos quarenta maiores contribuintes. Quando era para temer algum tiro e todos as portas das casas vi-sinhas se tinham fechado, ella chamava os agredidos para sua casa onde encontravam refugio, não pensando que podia ser vitima da sua dedicacão. Hoje, os refugiados do dia 7 enviam-lhe um protesto da sincera gratidão.

Depois de se acharem em segurança relativa, porque as casas estiveram ainda por algum tempo cercadas pela turba que ia de quando em quando disparando tiros de bacarmate, os refugiados dirigiram ao commandante do destacamento Faro e ao digno juiz d'esta comarca os officios de que já demos conta no nosso n.º anterior.

O tenente Faro seriam pouco mais ou menos 2 horas da tarde apresentou-se com dous soldados desarmados á porta das casas onde os quarenta maiores contribuintes se esconderam. Disse-lhes que sabissem e acompanhou-os até á entrada da rua das Almas não querendo ir mais alem. Pediram-lhe os quarenta maiores contribuintes que lhes fornecesse auxilio para elles poderem recolher as suas casas em segurança, mas o tenente Faro não lho deu. A' noute mandaram-lhe novamente pedir dous soldados para os acompanhar, mas negou-se a mandal-os.

E' evidente que se o commandante do destacamento quizesse, poderia com a sua presença, mesmo não prestando outro auxilio ter evitado o espancamento. A

sua retirada no momento do ataque mostra connivencia intima com os desordeiros.

E esta commissencia foi tão clara que hoje corre o boato de que o sr. Faro approximando-se nos Largos dos Campos do administrador do concelho lhe dissera—então, sr. administrador, fez-se o que V. ex.ª queria?—e o administrador do concelho lhe replicara: fez e agora agradeço-lhe dando-lhe um abraço.

No sabbado logo ao romper do dia a Praça apresentava o mesmo aspecto da vespóra. Os mesmos grupos de caceiteiros fazendo vozzerias, as mesmas armas de fogo na administração os mesmos bordões de baixo da arcada dos Paços do concelho. A gentilha ainda temia nova vinda dos quarenta maiores contribuintes.

No sabbado appareceram então os quarenta maiores contribuintes seus affectos: violentaram dous dos que pertenciam ao partido regenerador d'esta localidade e só assim conseguiram 10.

Percorreram no sabbado as casas dos que no dia antecedente tinham sido feridos, dizendo-lhes que o administrador do concelho os viria prender e seriam espancados se não fossem votar na lista da mesma auctoridade mas só conseguiram, apesar d'isso, atemorizar dous a ponto de elles os terem de acompanhar. Não tardará muito que se prove perante o poder judicial as violencias empregadas tanto na sexta-feira como as de sabbado pela manhã.

Nós expondo os factos sem *ambages*, não temos por fim destruir as calumnias que os serventarios das auctoridades para ahi levantaram, não, essas cahem por serem ridiculas de mais; queremos salvar a nossa terra da deshonra para que a vae arrastando a escoria da nossa sociedade posta ás ordens do sr. Francisco de Castro Mattoso. Corte-Real d'acordo com seu irmão o sr. José Luciano, ministro do reino.

Em Ovar quem faz as desordens, quem promove os espancamentos, são os arruaceiros, a gentilha que quer comer á custa do municipio, que até agora tem vivido na atmospheria do crime e que como tal precisa de ter um patrão a que se socorra no momento em que a lei faça sentir a sua acção.

Esse patrono esse commandante das arruaças, dos espancamentos e dos crimes é o sr. Francisco de Castro Mattoso Corte-Real.

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O Berlengas não morreu—A fuga para Lisboa.

Passou muito e muito tempo depois que a sombria Estrumada soltara o lamentoso grito, annunciando a morte do João Carvoeira.

Os sinos badalando sinistramente acompanharam á sua ultima morada o terrivel assassino, coberto de maldições, com a alma gangrenada de remorsos.

Alguem vira um vulto negro, esguio, roçando pacientemente a palavra *Berlengas*, escripta a giz

n'um pinheiro que crescia infezadamente junto a Cova do Frade. E mulheres medrosas fugiam espavoridas amaldiçoando a memoria do assassino.

Tempos depois um mimoso rebento que corria amarellamente, odientamente passeava a vista pela sombria Estrumada. Parecia que procurava alguma cousa. Avistou o pinheiro infesado e não via a palavra escripta a giz. Soltou um ah! de satisfação e voltou.

Uma pobre velha que por alli passara, fixando o solitario passante dissera para as suas companheiras—oh! aquelle parece-se com o Berlengas; a sua alma é feita como a d'elle: o Berlengas não morreu: quem será o novo Carvoeira escolhido para victima? Effectivamente parece que a alma do Berlengas d'outr'ora, volatilizando-se entrara no corpo do novo Berlengas dando-lhe ao rosto o mesmo aspecto sinistro.

E a velha ao dizer aquillo, nunca suppunha que o povo d'Ovar havia deser a victima escolhida para saciar os maus sentimentos, a ferocidade hereditaria d'este novo Berlengas.

Mas como a alma de João Carvoeira, ao abandonar o corpo, escrevera n'um pinheiro uma palavra maldicta, tambem o povo d'Ovar escreverá na sua historia uma pagina de lucto para mostrar aos vindouros os feitos heroicos da raça maldicta, dos ultimos Berlengas precitos.

O berlengas não morreu.

Planeara as desordens, esfregara as mãos de contente quando viu a vozzeria cobrir os sentimentos dignos. Estavam embriagados decerto mas que lhe importava! assim melhor serviam para a lucta. Eram poucos, eram a escoria vil, o gorgulho que apparece á superficie da lucta da vida, mas não havia d'outros.

Para a frente rapazes e dar até mais não—fôra o seu unico grito, e depois o vinho, a aguardente, a embriaguez fizera o resto.

O ceu apparecia-lhe cor de rosa, tudo era bom assim lho tinha dito o patrão, mas umas pequenas nuvens começavam-se a accumular no horisonte, um pequeno sussurro de processos crimes quasi o encommodava. Esse sussurro foi-se frizando mais e só então é que elle comprehendeu os contras que havia em tudo aquillo.

Amanhã serei processado e não tenho remedio senão fugir. E demais agora nada mando, todos mandam, todos obedecem ao chefe das arruaças e eu fui deposto d'esse lugar, o unico que exerci com consciencia.

Pobre Placo II, foges agora quando ainda tudo são rosas, o que succederá aos teus semelhantes quando vier o tempo dos cardos? Foges, mas a lei vela e isso é o bastante.

Ismael.

Novidades

Fallecimento.—Falleceu quinta feira o nosso amigo Antonio Baptista d'Almeida Pereira Zagallo. O finado era um character integro, negociante benquisto por todos os que com elle mantinham relações.

Os nossos pesames a sua inconsolavel familia.

Saldo camarario. Capitães do Hospital. A herança do P.º Ferrer.—Como os energúmenos por ahí andam a berrugar que a camara antiga deixou os cofres vazios, vamos dar uma simples nota dos valores havidos em cofre, a fóra outros objectos de valor que foram depositados na recebedoria d'esta comarca.

Saldo do anno findo em cofre 1:506\$499 reis. O Hospital tem de capital 69\$500\$000 reis (nominaes) em inscripções; sendo 62:100\$000 reis havidos da herança do P.º Ferrer e 1:400\$000 reis de dotação da camara municipal.

E' muito possivel que já pouco d'esse dinheiro exista em cofre, porque o Cunha allega que a camara municipal lhe deve uns poucos de centos de mil reis, assim como outros dos da troupe. Como agora tem a faca e o queijo na mão e pode talhar á vontade é possível que os tenha recebido.

Como se vê a herança do P.º Ferrer appareceu e appareceu intacta tendo-se até agora cumprido os legados a que a camara era obrigada como administradora da herança.

Agora o que naturalmente ninguém nos poderá dizer é d'onde sahirá o subsidio annual que os *cabecães limonadas* prometteram ao antigo proprietario do «Ovarense» para quando entrassem para a camara. Cremos que até agora ainda não foi votada em sessão essa verba para figurar no orçamento supplementar.

Pagamento.—Em sessão do dia 5 foram nomeados guardas da Estrumada José d'Oliveira Manarte e Ventura Dias, sendo exonerados os antigos.

Em sessão do dia 12 foi demittido do logar de amanuense o zelador o snr. Antonio Zagallo e nomeados Manoel Gomes Larangeira amanuense, e Nicolau Rodrigues Braga zelador.

Manoel Larangeira foi ha tempos nomeado amanuense da administração do concelho simplesmente para receber o ordenado, pois que raras vezes ia á secretaria, agora foi nomeado amanuense da camara, naturalmente para fazer o mesmo—receber em casa o ordenado. Para fazer o serviço de amanuense foi nomeado zelador Nicolau Braga.

Este como tem prestado poucos serviços tem um pagamento mais limitado.

Uma patuscada sem ser de cabritos!

Commissão recenseadora.—Disseram-nos que os *progressistas* tinham tenção de formar uma lista de velocipedistas para a commissão de recenseamento. No dizer d'alguns devia assim ser formada:

- João de Freitas Sucena,
 - Antonio d'Oliveira Mangueira
 - Antonio Pereira da Cunha e Costa.
 - Manoel Mineira.
 - Antonio Soares Pinto.
 - Bernardo Ferreira Vacas.
- Substitutos:*
- Manoel d'Oliveira Folha.
 - Abilio Marques B. nca.
 - Angelo Ferreira.
 - Manoel José, do Outeiro.
 - Augusto Correia Mello.
 - José da Fonseca Bonito.

Comtudo parece que á ultima hora resolveram apresentar nova lista.

Partiram.—Para o Rio de Janeiro os nossos patricios Manoel d'Oliveira Pacheco e Manoel André Redes.

Que sejam muito felizes e vol-

tem á patria, é o que sinceramente lhes desejamos.

—Para Mesão-Frio o nosso amigo João Rodrigues Depulimo.

Chegada.—Chegou terça-feira a esta villa, vindo de Lisboa, o nosso distincto amigo dr. Antonio dos Santos Sobreira e sua ex.ª familia.

Os limonadas em aperto.—Os limonadas ainda não pagaram á musica que tocou tres vezes em beneficio de S. Berlengas advogado das eleições roubadas a cacete; não pagaram aos vendedores de Esmoriz 400:000 reis: ainda não pagaram aos vendedores de Cortegaca 350:000 reis; ainda não pagaram a um negociante de Vallega; não pagaram aos fogueteiros; e nem á pobre Sazena o trigo que lhes encomendaram.

Pagai limonadas!
Transferencia.—Ultimo do rancor dos limonadas foi transferido para Santa Martha de Penaguião o nosso amigo Antonio Dias dos Santos, escripturario da Fazenda.

Ficamos fazendo votos para que volte depressa a Ovar.

Sempre asneira.—Não ha duvida, os do *papel* teem por sina dizer só asneiras. Referindo-se n'uma local aos estudantes d'Ovar que voltaram para Coimbra, diz:

«Que grande dia aquelle em que se pagam as dividas do mez anterior e se fica com um tostão para cigarros, quando se fica! O maior problema da vida de vida de um estudante é descobrir a forma de enganar um lente ou um credor, tudo o mais é descobecido...»

F mais abaixo:
«ficamos fazendo votos porque a mezada lhes chegue com toda a pontualidade e que seja abundante.»

Ora, francamente, nós não podemos suppor que os estudantes de Ovar em Coimbra, á excepção d'um estejam a fazer dividas durante um mez para as pagar sómente no fim, quando lhes chega a mezada; e, demais, também não cremos que o unico cuidado d'elles seja arranjar meio de pregar calotes.

Porque em 1.º logar pensamos que as familias são sufficientemente abonadas para não consentirem em que os seus filhos façam em terra estranha, *triste figura*, em frente dos seus condiscipulos; e em segundo logar conhecemos o caracter dos estudantes que foram durante alguns annos nossos companheiros, para os julgarmos de sentimentos sufficientemente dignos e não andarem a arranjar meios de enganar os seus credores se os tivessem.

Não é uso nos estudantes d'Ovar deixarem, quando se retiram, *cães* em Coimbra. Mas como o auctor da local está acostumado a fazel-o em annos successivos apesar d'um a quem constantemente insulta-lhe terem arranjado subsidios do governo e dado mezadas, avalla os outros por si e vem para o *papel* dizer asneiras.

Este snr. Angelo Ferreira é sempre o mesmo: sobre patada, coice.

Os selvagens.—Os sempre celebres limonadas partiram os vidros das janellas do palheiro que José Fragateiro de Pinho Branco possui na costa do Furadouro.

Se não podem estar um só dia sem fazer das suas!...

Tenente Faro.—Brevevamente conversaremos com este sr. a proposito do modo como

fez a medicação do fornecimento de palha e fava: alem d'isso da nota do n.º de ferraduras que mandou para o regimento: e dous celebres pipos de vinho que mandou buscar a casa do fornecedor do destacamento.

Fica para mais devagar. Entretanto sempre é bom dizer que essas *coisas* talvez tivessem alguma relação com os factos do dia 7. Espere que nós lá vamos.

Autopsia.—Segunda-feira tinha apparecido morto um habitante de Vallega. Teria havido crime? A corrente da opinião publica ia para ahi.

Na terça-feira foi feita autopsia ao cadaver, no hospital, pelos facultativos dr. João Silveira e dr. José do Amaral. Os peritos concordaram que tinha havido congestão cerebral e hemorragia.

Terça-feira fallecera também repentinamente, e na mesma freguezia outro habitante, mas como não havia presumpção alguma de criminalidade não se realizou a autopsia.

Syndicancia.—Foi nomeado para syndicar dos actos da auctoridade administrativa no dia 1.º dr. Daniel Ribeiro administrador do concelho de Oliveira d'Azemeis.

Este dr. syndicante em vez de indagar a verdade contentou-se em chamar, para depor, os individuos *affectos*, alguns dos quaes commandaram as arruaças. Na quinta-feira, primeiro dia da syndicancia foram chamados a depor o snr Joaquim Lagoncha, Delphim Lamy e João Sucena; toda a gente sabe o que, principalmente, os dois ultimos iriam dizer.

A syndicancia assim feita não passa d'uma palhaçada ridicula e melhor seria que se não tivesse ordenado.

Naturalmente quem dirige os trabalhos é o escrivão Ribeiro a quem o syndicante e os seus companheiros primeiro se dirigiram.

Para estas cousas o escrivão Ribeiro é obra fina e desenganada.

Obras.—A confraria das Almas mandou ordenar a sua capella, sita no largo dos Campos.

Sessões camararias.—São á quarta-feira as sessões ordinarias da camara municipal d'este concelho.



LISBOA

Lisboa 12 de janeiro de 1887.

Os acontecimentos extraordinarios que se tem succedido na capital, fazem desviar as atenções da politica. Esta, porem, não dá grandes margens a considerações. Nada n'ella ha de singular. Casos vistos e soluções correntes. A nota mais aguda, no concerto entoandipela opposição, é a dos acontecimentos dessa villa, realmente digna de melhor sorte.

Já era tempo, em verdade, de acabar com o estado violento das cousas politicas de Ovar. Por taes meios nunca o nobre e liberal chefe do partido progressista quereria vencer eleições ou arranjar maiorias, mas a sua confiança illudida tem dado logar a maclarem-lhe as insensões, sempre boas e dignas.

Ainda não está designado dia para as eleições, mas ja se sabe que ellas terão logar em um dos ultimos domingos de fevereiro.

Façam-nas á bordoadá e com trabalhos incriveis façam, que vale muito apenra e devem ganhar muito com isso. Levem lá a pancadaria. tenham os trabalhos e façam as despezas, que cá estão os *sabios*, dos jornaes ministeriaes de qualquer dos partidos para cantarem as glorias e receberem os despojos. Elles castigam, premeiam, defendem ou accusam, só com umas condições—não lhes darem leis, não lhes advinharem as indrominas, nem lhes dispuntarem os bolos.

Ora, em vez de bolos, *bolas* é que elles mereciam, e é que nós os provincianos, somos.

Elles, deputados, que façam as eleições; elles, empregados, que arragem governo e que os sustentem—elles os *mandões*, que tenham o trabalho e façam as despezas já que lhes tiram os proventos.

O patriotismo n'estas cousas da politica caseira é como a caridade bem entendida, que principia por nós mesmos.

E... mais nada, que não é necessario justificar opiniões quando ellas estão manifestadas por tão *altos* exemplos.

Os casos extraordinarios a que me referi no principio d'esta, são bem conhecidos. O naufragio *tremendo*, o fogo *pavoroso*, o casamento *ridiculo* e agora, um crime, *virtuoso*. Este, como é recente, vou contal-o. O pae soube que uma filha sua tinha sido seduzida. Procurou o rapaz, que vivia na mesma casa e disse-lhe esperava elle casasse com a filha para reparar o mal feito. O seductor disse-lhe ser essa a sua intenção mas não ter meios. O pae promptificou-se a fazer todas as despezas e a dar casa e de commer ao casal até que a sesta favorecesse o rapaz. Elle annuo mas foi addiando sempre até mesmo depois de promptos os papéis. O pae, n'estes apertos, conuençou-se de que nada conseguia e disse ao D. Juan—se não casás morres.

Foi o caso. O rapaz não casou. o pae offendido subiu ao seu quarto e tentou decepá-o. Não o conseguiu mas pouco lhe faltou, pelo que o rapaz está a morrer. O mais triste de tudo foi que o pae tentou suicidar-se em seguida ao crime... se o é!

Está também muito mal.

Mais um bocado de politica.

Fallam em accordos para eleições. Alguns jornaes progressistas da provincia alludiram a esses boatos; os jornaes ministeriaes, chamam a uns, patetas, a outros jacobinos e a alguns dospeitados. Na sobranzeria de quem tem a faca e o queijo na mão, mandam arrumar do seu caminho os que não estejam contentes, seja qual for a razão. As vacas estão muito gordas e os *patetas* são, realmente, muitos.

Mas deixem correr os tempos, que vão desengnando muitos patetas e deixem chegar as vacas magrase depois...ouviremos elles, como diria qualquer brasileiro.

Frio, bastante. Chuva pouca. Muita lama e muitos bilhetes de visita a dar boas festas e... mais nada.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

No dia 16 de Janeiro proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal da comarca, sito Praça, d'esta Villa, se hade proceder á arrematação, pelo cartorio do escrivão Ferraz, dos bens seguintes: Uma propriedade de casas altas e baixas, com quintal e mais pertencas, sita na rua da Praça d'esta villa, avaliada em 1:700\$000 rs; e uma propriedade sita na rua de S. Bartolomeu d'esta freguezia d'Ovar, que se compõe de trez moradas de casas altas e baixas, com quintal e cinco armazens, avaliada na quantia de 2:300\$000 reis; cujos bens vão á praça na carta precatória extrahida da execução que Joaquim Marques da Nova, Filho e Genro, da cidade do Porto, movem na comarca do Porto contra a massa fallida de José Fernandes Villa e mulher Rosa de Souza Villa, da rua de S. Bartholomeu, d'esta villa.

Ovar, 22 de Dezembro 1886.

Verifiquei
O Escrivão

Eduardo Elysis Ferraz d'Abreu.
2 (42)

ANNUNCIO

Pelo juiz de direito da comarca d'Ovar, Escrivão «Sobreira», na acção de petição de herança do auzente em parte incerta ha mais de vinte annos Manoel Rodrigues Godinho requerida por suas irmãs e cunhados Roza Godinho e marido Joaquim Marques Branco, Joanna Rodrigues Godinho, solteira, maior, ambos do Salgueiral de Cima, Florinda Rodrigues Godinho e marido José Fernandes Palhas, e Maria Rodrigues Godinho e marido José d'Almeida, estes do logar de Cimo de Villa, todos d'esta freguezia, os quaes foram julgados unicos e universaes herdeiros do referido auzente, um irmão e cunhado, por sentença de 18 de corrente, por isso pelo presente correm editos de quatro mezes a contar da segunda publicação d'este annuncio no Diario do Governo dos termos do § 2.º do artigo 107 do codigo do processo a fim de se poder dar á execução a referida sentença.

Ovar, 20 de Dezembro de 1886.

Verifiquei,

O juiz de direito,

O Escrivão,

Amonio dos Santos Sobreira.
(41) 2

ANNUNCIOS

Vende-se

Uma casa alta, situada na rua da Graça (Pontes) d'esta Villa d'Ovar.

Tem poço e quintal, bastantes commodos, boa armação para loja e já afreguezada.

Para tratar na mesma n.º 3, 4 e 5.

OVAR

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se curam radicalmente as roturas...

Balsamo sedativo de Raspall

Remedio para a cura completa do rheumatismo, nervoso, gotoso, articular, dores de cabeça...

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair em 12 horas.—Preço da caixa 400 reis.

Molestia de pelle

Pomada Styrcia, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle, as empigens, nodos...

Injecção Gueinp

E' esta a unica injecção que, sem dainno, cura em 3 dias as purgações ainda as mais rebeldes.

Crema das damas

Torna rapidamente a pelle ca- ra e macia, dissipa as sardas, tez crestadas, nodos, borbulhas...

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cego, 13, a Praça das Flores—Lisboa.

RODRIGO VALENTE DA SILVA com estabelecimento de merceria, fazendas, vinhos, tabacos, ferragens, tintas, vidrarias, molduras e miudezas em S. JOAO DE VALLEGA 12.

LIVRO: sacro ou curso de doutrina christã, approved, para uso das escolas, pelo ex.º e rev.º sr. Cardeal Bispo do Porto, coordenado por Francisco d'Assis Pinheiro. A' venda—Livraria editora—Cruz Coutinho, rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto.

Francisco Peixoto Pinto Ferreira com estabelecimento de ferragens, tintas, merceria, tabacos, molduras e miudezas.

PONTES

Grades de ferro para duas sepulturas

Vende-se uma em bom uso. Quem a pretender falle com o Felinto.

OVAR

A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg, auctor dos interessantes romances: A MULHER FATAL; DRAMAS MODERNOS e outros

1.ª parte, TREVAS

2.ª parte, LUIZ

3.ª parte, ANJO DA REDEMPÇÃO Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lithographia Guedes.

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES 10 reis cada folha, gravura ou chromo 50 Reis por Semana

OOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE A SORTE PELA LOTERIA—100000 em 3 premios para o que receberão os sr. assignantes em tempo opportuno uma caudela com 5 numeros.

No fim da obra—Um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa sendo um desde a estação do caminho de ferro do norte até a barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até a margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz do Pau, 26, 1.ª Lisboa.

Nossa Senhora de Paris por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendedes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o ex.º sr. Gualdim de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 4 volume ou 18 fasciculos em 4.º e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanais de 32 paginas, aq preço de 100 reis pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento acceptam-se com respondentes em todas as tentras do paiz, que deem abono a sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

EDUARDO D. COSTA SANTOS, EDITOR

4, Rua de Santo Ildefonso, 4

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A DIFFAMAÇÃO DOS LIVREIROS

SUCCESSORES DE

ERNESTO CHARDRON

(Opusculo a proposito do arresto feito pela firma Lugan & Goulioux, successores de Ernesto Chardron, a edição do livro BOHÉMIA DO ESPIRITO, editado por Eduardo da Costa Santos).

A' venda na Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6, e nas principaes de todas as terras do reino e ilhas.—Preço, 150 reis, pelo correio 160.

PHARMACIA SILVEIRA

Isaac Julio da Silveira, pharmaceutico approved pela escola medico-cirurgica do Porto.

PONTES

TYPOGRAPHIA

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente a sua arte, a toda qualquer cor, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhos.

Preços o mais rasosaveis possiveis

Para Maranhão, Ceará e Manaus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul.



Para os portos acima indicados, vendem-se passagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, por preços sem competencia, abonando-se comboyo aos passageiros e transporte para bordo.

Para esclarecimentos e bilhetes de passagem, trata-se em Aveiro, com Manuel José Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 19 a 23; e em Ovar—rua dos Campos, com o sr.

Antonio da Silva Natária.